

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 12, n. 11

TERRITORIO FAVELA: práticas sociais com jovens do Centro Cultural Cartola Comunidade Da Mangueira –RJ

Regina Gloria Nunes Andrade¹

*“Não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar,
mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo
sem um certo sonho ou projeto de mundo,
devo usar toda possibilidade que tenha
para não apenas falar de minha utopia,
mas participar de práticas com ela coerentes”
Paulo Freire*

RESUMO

Esse trabalho é resultado de pesquisa realizadas no CENTRO CULTURAL CARTOLA na Favela da Mangueira – Rio de Janeiro – Brasil. conta também com outras atividades desenvolvidas como as referentes a Orquestra Sinfônica – 2012 – resultado de outra pesquisa realizada por Isis Regina de Oliveira. Também no Centro Cultural Cartola obtivemos grupos de alunos e resultados de prática social. Também o Programa de AFINANDO EMOÇÕES – atual pesquisadora da FAPERJ , realizado pela Dra. Edna Assunção Chernicharo , também faz parte deste relatório. Contamos também com o trabalho de NOGUEIRA, Nilcemar. *O Centro Cultural Cartola e o processo de patrimonialização do samba carioca*. 2015. 251f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015 no qual fomos a Orientadora de Tese. Neste Relatório faremos uma divisão das Ações realizadas e dos Resultados obtidos dos Grupos operativos com os jovens da comunidade da Mangueira frequentadores do Centro Cultural Cartola. Os jovens participaram de 62 grupos nos quais foram utilizados os princípios de

¹ Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Psicologia e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social. Email: reginagna@terra.com.br.

Pichon Riviere (1962) para a ação e de Pierre Bourdieu (2012) para a interpretação das ações.

1. AÇÕES REALIZADAS

2.1- Coleta de dados

Do ponto de vista da coleta de dados, foram construídos dois tipos de relatos em cada encontro. O primeiro deles foi um relato descritivo, consignado numa *ficha técnica* que contém a sequência das atividades realizadas, com sua respectiva meta e saldo pedagógico, além do registro fotográfico correspondente as 25 práticas sociais.

O segundo tipo de relato é denominado *relato intencional* e contém fatos, depoimentos dos participantes e percepções do facilitador ao longo do processo de intervenção grupal, passíveis de serem interpretados à luz dos elementos que integram o sistema dos Grupos Operativos como descrita na metodologia do Projeto que foi aprovado.

Para que este processo de interpretação fosse mais sistemático, cada um dos *relatos intencionais* foi desconstruído em segmentos ou *lexias*, como se denominam as “unidades significativas do discurso” no jargão semiológico de Roland Barthes: “lexia, unidade de leitura que compreenderá ora alguns termos, ora algumas frases, é definida como o melhor espaço possível em que se podem observar os sentidos” (MUCCI, 2006, p.221) as Ações pedagógicas do Projeto **TERRITORIO FAVELA – PRÁTICAS SOCIAIS COM JOVENS DO CENTRO CULTURAL CARTOLA COMUNIDADE DA MANGUEIRA –RJ** seguem explicado na seguinte figura:

Figura 1— Práticas Sociais realizadas com os jovens

No	Nome do encontro	Meta pedagógica
1	A aventura começou!	O facilitador cria uma atmosfera de confiança grupal que favorece os desafios coletivos, no

		quadro da aventura como estratégia pedagógica.
2	O nosso pacto coletivo	O grupo, de forma participativa, começa a construção de um “contrato social”, isto é, um pacto coletivo com as normas que regulam o convívio dentro do grupo.
3	O quebra-cabeça das oportunidades	Os participantes começam a compreender o significado do pacto coletivo de convívio (contrato social construído) no quadro de um exercício de cooperação.
4	Os bambolês dos sonhos	Os participantes aprofundam na aplicação prática na vida cotidiana das normas que fazem parte do “contrato social” ou pacto coletivo construído pelo grupo.
5	O pacto é a nossa Mangureira	Cada participante se compromete a cumprir o conteúdo do “contrato social” ou pacto coletivo através de uma cerimônia grupal de legitimação.
6	Kizomba!	Os participantes conhecem histórias de vida de pessoas que tinham clareza sobre o que queriam fazer na vida (visão de futuro) e que conseguiram seus sonhos por meio do treinamento constante.
7	O termômetro da felicidade	Os participantes aproximam-se do conceito de felicidade e o relacionam com a realidade social e a conquista dos seus próprios sonhos.
8	O mapa da nossa comunidade	Os participantes identificam e valorizam elementos físicos e relacionais do seu território através de um exercício inicial de cartografia social.
9	Aventura pela Mangureira	Os participantes identificam e valorizam elementos físicos e relacionais do seu território através de um exercício prático de fotografia in situ, realizado por eles mesmos.
10	O pedaço de madeira	Os participantes identificam a dimensão ética do pacto coletivo como uma construção que contribui para a regulação dos comportamentos cotidianos do grupo.

11	Aventura na UERJ	Os participantes, por meio de uma visita mediada à UERJ, desmistificam a universidade e começam a considerá-la um elemento que faz parte do seu território.
12	O cachorrinho que olha para trás	Os participantes explicam e interpretam a situação de segurança da Mangueira a partir da lógica do seu cotidiano, utilizando informação publicada na imprensa.
13	O aqueduto das soluções	Os participantes analisam os problemas do cotidiano da comunidade e tentam construir soluções alternativas no intuito de resolvê-los.
14	As músicas que a gente gosta	Os participantes, a modo de show no auditório do Centro Cultural Cartola, apresentam os vídeos das suas músicas favoritas e explicam as razões pelas quais eles gostam delas.
15	Eleições presidenciais na Mangueira	Os participantes conseguem se conectar com o ambiente eleitoral e estruturam seus discursos políticos, no intuito de “ganharem pessoas” que votem nas suas propostas.
16	A salada da professora Regina	Os participantes associam conceitos próprios das normas informais do cotidiano (trapaça, jeitinho, malandragem, trambique, 171, falcatura e maracutaia) com comportamentos e ambientes específicos.
17	Parabéns, Tio Cartola!	Os participantes se aproximam da biografia de Angenor de Oliveira Cartola a partir de um jogo que tem a ver com dados simples da sua vida, na ocasião de mais um aniversário do seu nascimento.
18	A árvore da vontade	O participante (o Cauê), através da metáfora da árvore da vontade, consegue entender o processo de tomada de decisões na vida e sua possível aplicação no cotidiano.
19	Passeio na Quinta da Boa Vista	Os participantes se aproximam de um lugar localizado perto da sua comunidade, não só como espaço de lazer, mas também como cenário histórico e de pesquisa científica: a

		Quinta da Boa Vista.
20	Aventura no Palácio do Catete	Os participantes se aproximam da história do seu País por meio de uma visita ao Museu da República.
21	Aventura na Fundação Casa de Ruy Barbosa	Os participantes conhecem a história de Ruy Barbosa como um homem polímata, que defendeu os Direitos Humanos e foi protagonista da Abolição da escravidão no Brasil.
22	Aventura no Palácio Tiradentes e no Paço Imperial	Os participantes se aproximam do Palácio Tiradentes e do Paço Imperial, no centro do Rio de Janeiro, como referentes históricos do Brasil.
23	Lançamento do Museu do Samba	O participante (o Jaime), através da metáfora da árvore da vontade, consegue entender o processo de tomada de decisões na vida e sua possível aplicação no cotidiano. Além disso, se integra ao Museu do Samba como instituição que visa salvaguardar o samba como patrimônio cultural imaterial do Brasil.
24	Aventura na Confeitaria Colombo	Os participantes, além de conhecerem um lugar tradicional do centro do Rio de Janeiro, se aproximam da história de vida de um homem que não desistiu na conquista do seu sonho.
25	Aventura no Cristo Redentor	Os participantes, com o apoio econômico de vários parceiros, encerram o processo pedagógico com uma visita a um lugar emblemático do Rio de Janeiro: o Cristo Redentor.

Observação: Os Grupos Operativos tiveram início no mês de novembro de 2014 – e seguiram até o mês de dezembro de 2015. Estes grupos desta pesquisa foram realizados pelo Mestrando da UERJ –PPGPS, Georgie Echeverri. Os detalhes estão relatados na Dissertação de Mestrado: Aventureiros: Programa de educação para a cidadania com crianças da Mangueira (RJ) defendida em fevereiro de 2016.

Figura 2 - Práticas Sociais – Kizomba 14.03.2015



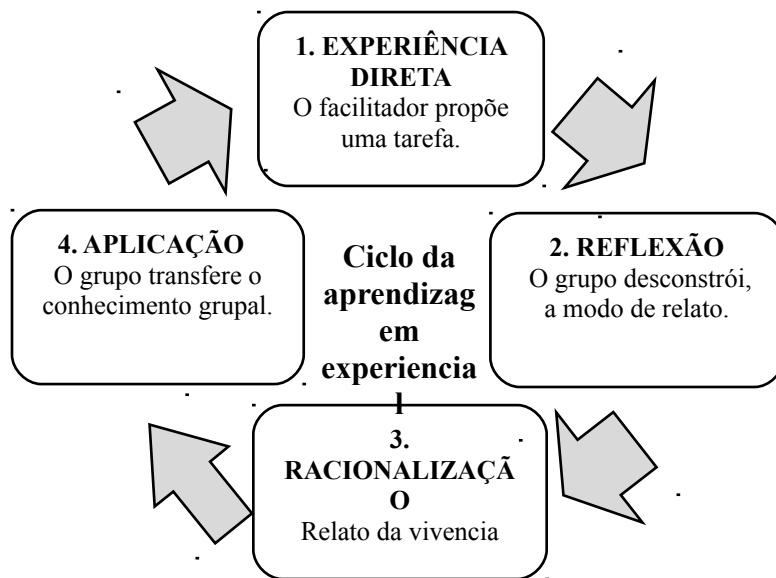
Figura 3- Práticas Sociais Visita a UERJ 18.04.2015



Metodologia dos Grupos Operativos :

Cada um dos encontros semanais foi idealizado, planejado e executado levando em consideração o ciclo da educação experiencial (KOLB, 1984), que assume as etapas da aprendizagem por descoberta da seguinte forma: na fase inicial da *experiência direta*, o facilitador propõe um exercício real ou imaginário e tenta envolver o grupo na consecução da meta traçada; na fase *emocional*, o grupo desconstrói, a modo de anedota, a forma como se desenvolveu o exercício; na fase de racionalização ou *generalização*, os participantes descobrem a relação entre a experiência vivida e a realidade individual ou grupal; e na fase de aprendizagem ou *aplicação* —que não é a última porque o ciclo continua a se desenvolver com maiores níveis de complexidade— o grupo transfere o conhecimento construído/descoberto à vida pessoal, grupal ou comunitária (BUILES, 2003).

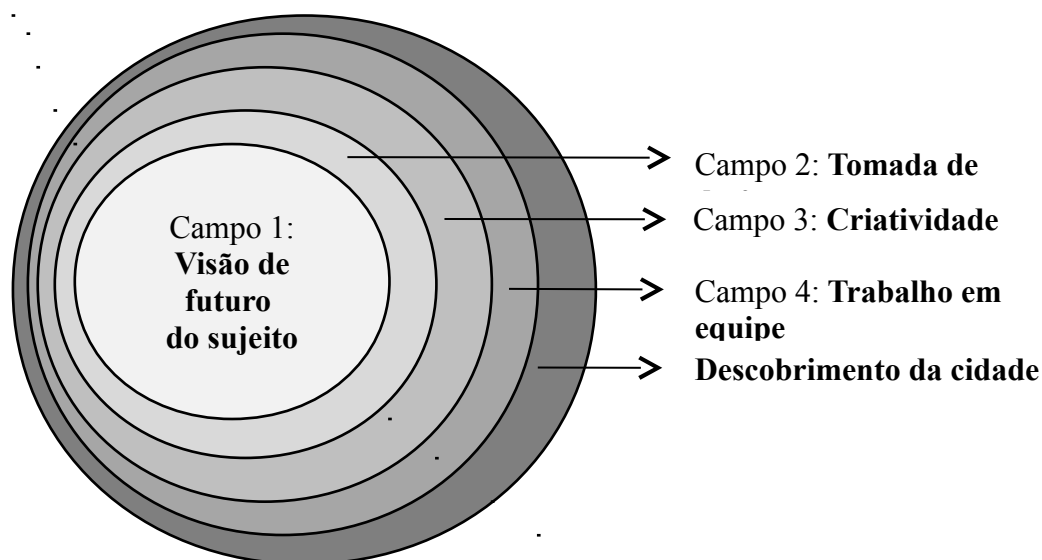
Figura 4— Modelo de aprendizagem por descoberta.



Campos de Intervenção das práticas sociais:

O período de pesquisa-ação participativa foi de 19 meses ao longo dos quais foram desenvolvidos 25 encontros, cujos campos de intervenção apresentam-se a seguir:

Figura 6 — Campos de intervenção das práticas sociais



3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 A aventura como estratégia e o símbolo como metáfora pedagógica nas práticas sociais.

Um dos elementos que qualquer músico leva em consideração ao compor uma melodia é a tessitura dos instrumentos que a materializarão, isto é, a extensão das notas que esses instrumentos conseguem executar, da mais grave até a mais aguda. Poder-se-ia afirmar, a modo de metáfora, que a tessitura do Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) está definida pela possibilidade de materializar, na prática cotidiana de um grupo, uns princípios conceituais relacionados com um objeto específico. Como explicado no capítulo anterior, essa materialização vai além da tarefa mesma, ao envolver a forma como os integrantes do grupo experimentam o “nós”, construindo o que Pichon-Rivière



IDRADE / Território Favela

denominava a *trama vincular* (BUZZAQUI, 1999).

Tendo clareza a respeito das práticas

sociais como primeiro elemento basilar, o segundo aspecto a ser ressaltado no que tange à natureza relacional do pacto coletivo são os objetos de apoio comunicacional que inicialmente foram invocados a modo de auxílios mnemotécnicos ou *metaforizações* da mensagem e que gradualmente viraram símbolos partilhados pelos membros do grupo.

Figura 7 — Elementos simbólicos que reforçam as práticas sociais

Fred batizado pelo grupo, era um brinquedo de criança com som, um tubarão alaranjado, que representava a palavra falada e que contribuía para o respeito e a autorregulação dessa palavra dentro de uma conversa coletiva, haja vista do costume habitual das crianças falarem simultaneamente: só quem tivesse o *Fred* em suas mãos e tocasse o seu som, tinha o direito a falar.

A *bolsa da participação*, que continha tantas bolinhas de pingue-pongue quantos membros o grupo tinha, marcadas com seus nomes, democratizava a

modo de sorteio as oportunidades dentro do grupo, fomentando mesmo a responsabilidade e o espírito de liderança dos participantes.

O *tapete do respeito* ou pano de veludo amarelo, que sempre estava no centro das rodas, fez com que os participantes se lembrassem do respeito como eixo do pacto coletivo; este objeto foi associado ao *tatame*² do jiu-jitsu que todos os participantes praticam, ao ter uma conotação similar de respeito, mesmo de reverência.

A *borboleta dos sonhos* apareceu em alguns encontros (ver *vetor 1-C: Referente de futuro*) e representava a visão de futuro de cada participante, aquilo que ele queria ser quando crescer.

A *árvore da vontade*, por sua vez, era uma metáfora do ato volitivo que os participantes relacionavam com o conteúdo da terceira norma do pacto coletivo (*nós, os Aventureiros, pensamos antes de fazermos qualquer coisa*), e que contribuiu para a compreensão do processo de tomada de decisões e das consequências que acarretam as escolhas.

Sem dúvida nenhuma, foram estes elementos simbólicos, construídos através da linguagem, os que permitiram que o esquema referencial do ECRO, isto é, o pacto coletivo, fosse traduzido para o contexto operativo do grupo, para a tarefa coletiva, fazendo com que se tornassem “componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p.59).

Território e identidade social

Neste ponto bem vale a pena deter-se para analisar que a díade desafio-aventura e a construção coletiva de significados ao redor de objetos simbólicos são estratégias de intervenção pedagógica, válidas no quadro de uma pesquisa participativa, que remetem ao pacto coletivo como componente do esquema referencial do ECRO, mas que não são o único elemento que compõe esse

² O *tatame* é o piso tradicional japonês e está associado a rituais religiosos como a cerimônia do chá.

esquema referencial. Poder-se-ia afirmar que Enrique Pichon-Rivière, ao defini-lo como “o conjunto de conhecimentos e atitudes que cada um de nós tem na sua mente e com o qual trabalha em relação com o mundo e consigo mesmo” (PICHON-RIVIÈRE, 1984), faz alusão às representações sociais dos participantes, isto é, aos conceitos, às imagens e às atitudes que eles partilham e que entram em jogo —em *interjogo dialético* para ser mais próximo da sua definição— ao se depararem com uma tarefa grupal específica, criando um sistema aberto que favorece modificações possíveis. Em outras palavras, a tarefa grupal faz com que esse “aparelho mental para pensarmos” (ADAMSON, 2013), ao ser confrontado com a força externa que representa o pacto coletivo, consiga retificar-se ou ratificar-se do ponto de vista subjetivo.

Favela e construção de narrativas

O processo de identificação-diferenciação, segundo o qual “precisamos nos identificar com o outro no intuito de sabermos quem somos (nível de semelhança), mas nós também procuramos nos diferenciar do outro para sentirmos nós mesmos (eu diferenciado)” (PUJAL I LLOMBART, 2004, p.98), embasa-se na construção de narrativas, de relatos de si próprio e dos outros, que fazem com que os sujeitos interiorizem seu “lugar social” sob a forma de “disposições inconscientes, inscritas no próprio corpo, no ordenamento do tempo e do espaço” (CANCLINI, 2009, p.197). Essas disposições inconscientes, que Pierre Bourdieu denominava *habitus*, operam a modo de *estruturas estruturantes*, isto é, de princípios geradores e organizadores de práticas e representações (BOURDIEU, 1991, p. 92). Em outras palavras, pode-se afirmar que a identidade cultural, ao se construir a partir de narrativas, estrutura formas de pensar, sentir e fazer que são *mediadas*, no caso de uma favela como a Mangueira, por três lógicas profundamente atreladas.

A primeira seria a lógica *intervencional*, relacionada ao exercício do poder por parte de organizações que agem na favela como espaço político-econômico (o

Estado, as organizações religiosas, as ONGs, as organizações criminosas, etc.); a segunda é a lógica *discursiva*, que está por vezes conectada à reprodução de estereótipos de marginalidade e exclusão veiculados pela mídia; e a terceira lógica, que se denomina *comunicacional*, está ligada à dinâmica mercantil dos meios de produção cultural, no quadro da globalização como fenômeno que faz com que as identidades flutuem ao compasso do consumo:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas —desalojadas— de tempos, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2006, p. 75).

Nesta ordem de ideias, o exercício do *Termômetro da felicidade*, no qual a criança falou dos seus sonhos e dos obstáculos para consegui-los, reproduziu a narrativa do *favelado*, reforçada através de matérias como a apresentada a seguir, publicada em fevereiro de 2015 na Revista O Globo, na ocasião do Carnaval, sob o título *Lá no morro, que beleza*. Trata-se de uma reportagem sobre Evelyn Bastos, rainha da bateria da escola de samba Estação Primeira de Mangueira:

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa **TERRITORIO FAVELA – PRÁTICAS SOCIAIS COM JOVENS DO CENTRO CULTURAL CARTOLA COMUNIDADE DA MANGUEIRA – RJ** apresenta duas conclusões. A primeira diz respeito aos Grupos Operativos (ECRO) como instrumento que, em virtude do enfoque da pesquisa-ação participativa, gerou mudanças concretas nas crianças que fizeram parte do programa, e a segunda está relacionada com a flexibilidade do instrumento quanto

ferramenta que permitiu a coleta, organização e análise dos dados referentes as práticas sociais.

A respeito dos resultados, os Grupos Operativos -ECRO como instrumento que se insere no enfoque da pesquisa-ação participativa, vale a pena destacar a novidade que representou a materialização de três discursos teóricos próprios da filosofia política e da sociologia contemporânea, isto é, a *sociedade civil* de Michael Walzer, a *nova cidadania* de Boaventura de Sousa Santos.

No que tange aos cinco campos de intervenção das práticas sociais (visão de futuro do sujeito, tomada de decisões, criatividade, trabalho em equipe e descobrimento da cidade) vale a pena destacar que a metodologia da educação experiencial permitiu a utilização do conceito de *aventura* como estratégia pedagógica que, além de dar nome ao programa, estimulou constantemente o interesse das crianças ao longo do processo tanto quanto a descoberta de novas realidades.

Nesse sentido, a pesquisa partiu de uma situação social concreta, mas permaneceu aberto para adaptar-se e transformar-se diante de novos conteúdos, como sempre foi proposto em Comunidades carentes. (ANDRADE; VAZ, 2014).

No que diz respeito ao Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) como instrumento de coleta de dados, é importante ressaltar que o esquema referencial, também entendido como “aparelho mental para pensarmos” (ADAMSON, 2013), permitiu a construção de relatos, e as identificações das práticas sociais.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa também comprovou que o ECRO é um instrumento flexível que consegue dialogar com outras técnicas como o questionário e a técnica de evocações livres, ambas usadas a modo de ferramentas complementares que contribuíram para a leitura sociocultural do contexto, à luz do conceito de representação social, entendida como princípio gerador de tomada de posições ligado a processos simbólicos que se tecem nas relações sociais (DOISE, 1986).

Ora, é importante destacar que o grande mérito desta pesquisa foi a identificação das práticas sociais e do pacto coletivo ou ‘acordo para vivermos juntos’ como narrativa alternativa do convívio social; em outras palavras e parafraseando Santos (2010), como legitimação, à microescala grupal, de um novo contrato social fundado no respeito à alteridade e à natureza e promotor de práticas de inclusão.

Referencias bibliográficas

ABRIC, Jean-Claude. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, Jean Claude (Org.). *Pratiques sociales e représentations*. Paris: PUF, p. 11-35, 1994.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA A.S.P. e OLIVEIRA D.C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000.

ANDRADE, Regina Glória Nunes; MACÊDO, Cibele Vaz (Orgs). *Território Verde e Rosa: construções psicossociais no Centro Cultural Cartola*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/FAPERJ, 2010.

ANDRADE, Regina Glória Nunes; MACÊDO, Cibele Vaz (Orgs). *Territórios sem fronteiras: o social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/FAPERJ, 2014.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicolà; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, vol.2, 5ª ed. Brasília: UNB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus, 1991.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Ciudad de México: Editorial Grijalbo, 1990.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREIRE, Paulo. *Education for critical consciousness*. Nova York: Continuum, 1973.

GUARINELLO, Luis Norberto. Cidades-estado na antiguidade clássica. In: PINSKY,

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAIA, João; BIANCHI, Eduardo. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. In: FERNANDEZ, Cíntia S.; MAIA, João; HERSCHMAN, Micael (Orgs.). *Comunicações e territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Secularización, desencanto y reencantamiento massmediático. *Revista Dia-Logos de la Comunicación*, 41, 1995, p.71-81

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOGUEIRA, Nilcemar. *O Centro Cultural Cartola e o processo de patrimonialização do samba carioca*. 2015. 251f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NORTH, Douglas. *Custos de transação, instituições e desempenho econômico*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1992.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires: Galerna, 1971.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Concepto de ECRO. *Temas de Psicología Social*. Buenos Aires, Primera Escuela Privada de Psicología Social, año 7, nº 6, 1984.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal-Enrique Pichon-Rivière*; tradução Marco Aurélio Fernández Velloso; revisão Mônica S.M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes,.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCANDROGLIO, Bárbara; LÓPEZ M., Jorge; SAN JOSÉ S. Ma. Carmen. La Teoría de la Identidad Social: una síntesis crítica de sus fundamentos, evidencias y controversias. *Psicotherma*, v.20, n.1, pp. 80-89, 2008.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2005

VALLADARES, Lícia. A descoberta do trabalho de campo em “Aspectos Humanos da Favela Carioca”. In: MELLO, Marco Antonio da Silva; MACHADO Luis Antonio;

FREIRE, Leticia e SIMÕES, Soraya (Orgs.) *Favelas cariocas ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012,

VIVA FAVELA. 'Crimes News' segue na contramão. Disponível em: <vivafavela.com.br/623-crimes-news-segue-na-contramao/>. Acesso em: 12 dez. 2015

SITES:

<http://www.eleducation.org>

<https://www.youtube.com/watch?v=8hSuUrK53io>

<https://www.youtube.com/watch?v=Xue1dZPE87A>

<http://www.youtube.com/watch?v=J6brObB-3Ow>

<http://www.youtube.com/watch?v=hRz-M30PcEu>

<http://www.mividaylaetica.blogspot.com.br>

<http://www.upprj.com>

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1- Práticas Sociais realizadas com os jovens

Figura 2- Figura 2 - Práticas Sociais – Kizomba 14.03.2015

Figura 3- Práticas Sociais Visita a UERJ 18.04.2015

Figura 4- Modelo de aprendizagem por descoberta.

Figura 5 - Perguntas do questionário utilizado como técnica complementar de leitura para o contexto de práticas sociocultural

Figura 6 - Campos de intervenção das práticas sociais